

ARTIGO

VIAJANDO NOS ATLAS: DO LIVRO PARA A INTERNET NO ENSINO REMOTO

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella¹
Christy Beatriz Najarro Guzmán²

RESUMO

Os Atlas Escolares são materiais paradidáticos que tradicionalmente constam nas bibliotecas das escolas públicas, no entanto são pouco utilizados nos dias atuais, seja por estarem desatualizados, em mal estado de conservação ou pela chegada das geotecnologias. No entanto, a falta de internet nas escolas faz com que ambos os recursos não sejam utilizados. Com as medidas de isolamento social impostas pela pandemia de Covid 19, resultando na adoção do ensino remoto, a falta de infraestrutura de estudos em casa por alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro levou professores a buscarem estratégias didáticas diferenciadas. Este artigo relata a experiência da utilização de Atlas Escolares a partir de videoaulas produzidas e disponibilizadas em canal na internet, dirigidas a professores e alunos, permitindo o letramento cartográfico e a revalorização do Atlas enquanto material didático.

Palavras-chave: Atlas Geográfico. Ensino Remoto. Práxis Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Nas palavras de Trevisan (2018, p. 5) o Atlas “é o titã que a tudo suporta, possuidor de conhecimento e sabedoria exasperantes”. Embora sua definição da origem do nome seja

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Pesquisador de Pós Doutorado em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG/UFRJ) e professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). E-mail: mdarrochella@gmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pesquisadora de Pós-Doutorado em Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ). E-mail: christy.ng@gmail.com

grandiosa, tanto o deus mitológico que o deu o nome, quanto o próprio material, parecem anacrônicos nos dias atuais. O mesmo autor (2019) define o Atlas como um livro criado durante o renascimento composto por coletâneas de imagens, gráficos e ensaios sobre fronteiras, climas, rios, economia, geologia e população.

Aguiar (1997) indicou que a aplicação dos Atlas na escola surge junto com a própria instituição da Geografia como disciplina escolar no século XIX. Portanto, sua história está intimamente imbricada com a história da própria disciplina, e de acordo com Honda (2017), o primeiro atlas brasileiro foi desenvolvido por Cândido Mendes de Almeida em 1868 e foi intitulado “Atlas do Império do Brazil”, antes mesmo de termos cursos universitários de Geografia.

Enquanto material didático, Felbeque (2001) nos lembra que os Atlas Escolares são materiais adicionais, que permitem, mais que a localização dos elementos do espaço, fugir ao enciclopedismo e fomentar a análise espacial. Em 1985, com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ocorreu junto aos livros, a chegada de materiais paradidáticos como livros textos, enciclopédias, dicionários e atlas de maneira gratuita nas escolas públicas (NEUMANN *et. al.*, 2015). E em 1988 foi criado o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que garantiria a constituição de bibliotecas nas escolas públicas, mas Paiva e Bereblum (2009, p. 13) afirmam que “as escolas e a maioria dos professores, todavia, não desenvolvem uma análise compreensiva acerca das finalidades sociais das bibliotecas no interior das escolas, remetendo-se a enfoques unicamente didáticos, simplistas e alienadores”. A isso acrescenta-se situação como a das escolas da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) em que as bibliotecas são chamadas de salas de leitura, o que permite não abrir concurso para bibliotecários.

Quando da distribuição gratuita de livros aos alunos nas escolas públicas da rede estadual do Rio de Janeiro, os atlas e outros livros paradidáticos não estão incluídos, havendo estes apenas nas bibliotecas escolares. Mesmo estando no acervo, não há garantia do quão são atualizados, tampouco seu estado de conservação. Tal fato apresenta-se como um fator a desestimular o uso dos atlas nas escolas.

Com as geotecnologias presentes em nosso cotidiano, como imagens de plataformas *Google Earth* e *Google Maps*, bem como dos GPS (*Global Posicion System* – Sistemas de Posicionamento Global) de carros de aplicativos, os mapas e atlas escolares parecem perder funcionalidade, mas não podemos esquecer que plataformas de internet ainda são barreiras para o uso nas escolas públicas. Kinski (2015, p. 139) nos revela que:

com o apoio do Comitê Gestor da Internet no Brasil, foi realizado, em 2013, o levantamento de informações de 994 escolas públicas e privadas de todo o país. Em síntese, o que se revelou no estudo foi que a velocidade de conexão com a internet é menor nas instituições públicas do que nas particulares. Os dados revelaram que 43% das escolas particulares dispõem de internet com velocidade entre 5 e 10 Mbps. Por outro lado, entre as instituições públicas, 52% contam com conexão a internet de até 2 Mbps. Ainda assim, segundo a pesquisa, 46% dos professores de escolas públicas utilizaram a internet durante as aulas em 2013. O número representa um crescimento de 10% em relação a 2012.

Mesmo havendo acesso à rede, as escolas necessitam de infraestrutura básica de computação adequada, apoio técnico para manutenção, formação para professores, existência de material e sites adequados e atualizados, comunicação entre os administradores do sistema e o corpo escolar e acesso dos alunos à internet, mesmo fora da escola (SORJ e LISSOVSKY, 2011).

Inúmeros autores como Bonini (2009), Girotto e Pelegrina (2010), Gomes (2006) e Gonçalves *et. al.* (2013) defendem o uso dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) como recurso didático para os ensinos Fundamental e Médio, permitindo tanto a leitura cartográfica, quanto a interpretação espacial dos fenômenos sociais e ambientais. No entanto, como visto anteriormente, as escolas ainda carecem de infraestrutura para tal. Isso fomenta uma questão importante: Os Atlas perdem sua funcionalidade com a chegada dos SIG na escola? A priori, podemos supor que não, mas existem poucos estudos que abordam a materialidade dos Atlas.

No contexto da pandemia de Covid 19 que assolou o Brasil nos anos de 2020 e 2021, a maioria das redes públicas de educação adotou um modelo de ensino remoto, fazendo com que alunos de baixa renda dependessem do acesso à internet de suas residências e dispositivos eletrônicos para estudar. A falta de condições adequadas para o estudo em suas residências, acesso à internet limitado, falta de computadores (DIONÍZIO e PAIVA, 2020) e mesmo a necessidade de começarem a trabalhar, pela perda dos empregos de seus responsáveis, fez com que o estudo remoto não fosse de qualidade.

Este artigo busca refletir sobre o uso de Atlas Escolares como recurso didático a partir da análise orientada de dados de diferentes publicações e por meio de vídeoaulas gravadas pelos autores, aplicadas na disciplina de Geografia para turmas do Ensino Médio de uma escola estadual do bairro do Caju, Rio de Janeiro.

2 METODOLOGIA

A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC- RJ) adotou, em março de 2020, o uso da plataforma *Google Classroom* (Figura 1) para o ensino remoto, que possibilita, por meio de um e-mail, acessar um sistema em que é possível a utilização de algumas ferramentas de modo remoto, tais como: videoconferências, inserção de arquivos de diferentes naturezas e vídeos do *Youtube*. D'Arrochella *et al.* (2021) relatam que boa parte dos estudantes tem problemas de fazer o *download* de arquivos muito grandes e vídeos para seus telefones, principal meio pelo qual acessam o sistema, por isso, optou-se pela gravação de vídeos no *Youtube*, associados a material em PDF.

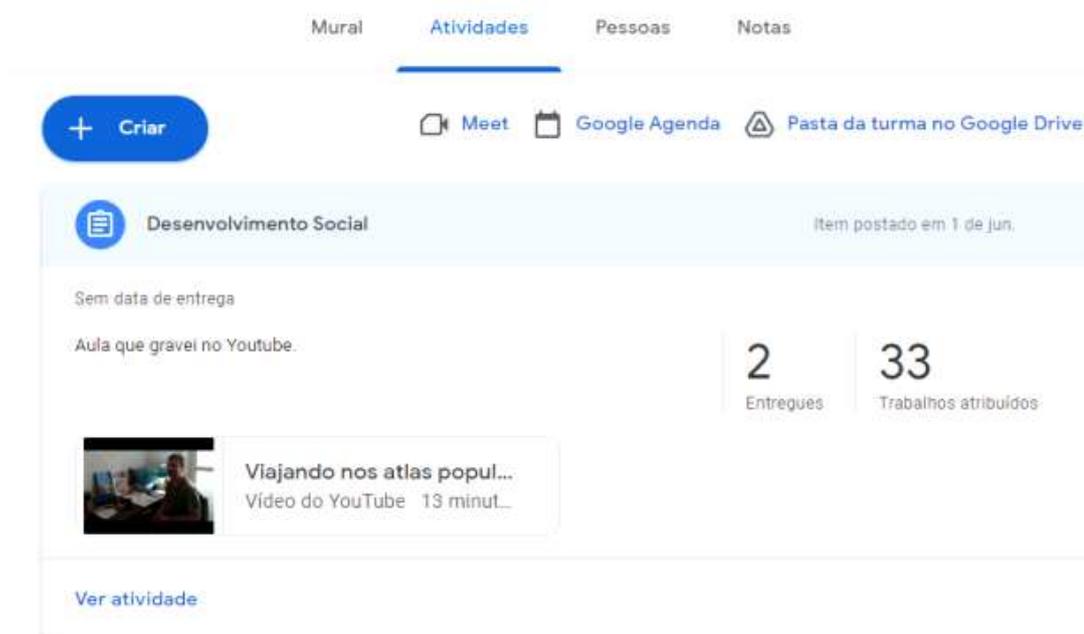


Figura 1: Interface do Google Classroom com a atividade. Fonte: Arquivo Pessoal.

Foi criado um canal no *Youtube* chamado “Bairro de Fátima News”¹, que tinha por objetivo conter aulas de Geografia, Língua Espanhola, Língua Portuguesa e Literatura, sendo dividido com outros professores. No entanto, apenas aulas de Geografia foram inseridas, sob uma série de programas chamada “Viajando nos Atlas” (Figura 2).

A proposta era a criação de vídeos curtos, de no máximo dez minutos, sobre diferentes temas dos conteúdos das três séries do Ensino Médio, em que os únicos recursos utilizados eram Atlas Escolares de diferentes épocas e editoras. Nesses vídeos, os fenômenos e conceitos geográficos eram abordados de acordo com o conjunto de informações contidas nos atlas, trazendo questionamentos acerca da realidade, para a reflexão dos alunos e outros professores que quisessem reproduzir a mesma técnica.



Figura 2: Interface do canal Bairro de Fátima News e os vídeos do programa Viajando nos Atlas. Fonte: Arquivo Pessoal.

A gravação dos vídeos se deu a partir da câmera de um telefone celular em casa, sem utilização de nenhum efeito especial, microfone ou iluminação profissional e sem qualquer edição. O cenário foi sempre o mesmo: a mesa de trabalho, com livros e atlas. Os Atlas Escolares utilizados foram os que constam no Quadro 1:

Quadro 1: Lista de Atlas Escolares utilizados.

BLACK, J. Atlas da História do Mundo . Dorling Kindersley, 2005.
HERITAG, A. Atlas Mundial . Dorling Kindersley, 1999.
IBGE. Atlas Geográfico Escolar , IBGE, 2002.
KEMP, R. Atlas Universal Interativo . Dorling Kindersley, 1991.
PAUWELS, G. J. Novo Atlas Meridional 95/96 . Melhoramentos, 1996.
RIO DE JANEIRO. Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro . IPP, 2000.
SMITH, D. Atlas da Situação Mundial . Companhia Editora Nacional, 2007.

Os temas abordados nos vídeos seguiam a ordem cronológica em que os conteúdos programáticos eram cumpridos, de acordo com o planejamento. Muitos desses eram complementações de aulas dadas por meio de textos ou introduções a novos assuntos que seriam tratados. O Quadro 2 apresenta os temas para as três séries do Ensino Médio.

Quadro 2: Lista de temas tratados.

Tema	Série
Industrialização do Centro-Sul do Brasil	3º Ano do Ensino Medio
Produção e Consumo de Petróleo no Mundo	3º Ano do Ensino Medio
Globalização	3º Ano do Ensino Medio
Geografia Histórica Territorial da Europa	3º Ano do Ensino Medio
Formação Territorial na América do Norte	3º Ano do Ensino Medio
América Central	3º Ano do Ensino Medio
Formação Territorial da América do Sul	3º Ano do Ensino Medio
Formação Territorial do Continente Africano	3º Ano do Ensino Medio
Introdução ao estudo do Oriente Médio	3º Ano do Ensino Medio
População e Desenvolvimento Social	2º Ano do Ensino Medio
Conceitos balizadores da Geografia Urbana	2º Ano do Ensino Medio
Megacidades, Metrôpoles Globais e Megalópoles	2º Ano do Ensino Medio
Geografia Urbana dos Bairros	2º Ano do Ensino Medio
Fragmentação do Tecido sócio-político espacial	2º Ano do Ensino Medio
Déficit Habitacional no Brasil	2º Ano do Ensino Medio
Tectonismo	1º Ano do Ensino Medio
Introdução às Zonas Climáticas	1º Ano do Ensino Medio
Clima e Vegetação	1º Ano do Ensino Medio
Fisionomia de paisagens e clima	1º Ano do Ensino Medio

A produção dos vídeos se deu sob a “estética da gambiarra”, que de acordo com Rocha (2017, p. 62) pode ser definida como:

envolve sempre uma intervenção alternativa, o que também poderia ser definido como uma reapropriação material: uma maneira de usar ou constituir artefatos, através de uma atitude de diferenciação, improvisação, adaptação, ajuste, transformação ou adequação necessária sobre um recurso material disponível, muitas vezes com o objetivo de solucionar uma necessidade específica. Podemos compreender tal atitude como um raciocínio projetivo imediato, determinado pela circunstância momentânea; ou ainda, como uma espécie de design espontâneo.

Ao assumir tal estética, a estratégia foi justamente a de legitimar a feitura dos vídeos, enquanto recurso didático, diante da precariedade de materiais disponíveis, haja vista, que não houve qualquer treinamento aos professores, bem como, suporte financeiro para infraestrutura. Serve tanto para a reflexão acerca dos conteúdos, como do próprio ato de fazer (Práxis Pedagógica).

Nesse sentido a avaliação dessa estratégia didática se deu a partir da metodologia da “pesquisa participativa”, que nas palavras de Moretti e Adams (2011) pode ser compreendida como:

Ao contrário do método de pesquisa tradicional, em que a objetividade e a neutralidade eram a condição para ser reconhecido como científico, a pesquisa participativa acredita que podemos conhecer em profundidade alguma coisa da vida da sociedade, ou da cultura, quando o(a) pesquisador(a) se envolve e se compromete com o que investiga (MORETTI e ADAMS, 2011, p. 454).

Após a postagem de cada vídeo, abria-se a possibilidade da crítica sobre os mesmos, pois eram colocados abertamente no canal, podendo ser acessados por qualquer pessoa, tanto os alunos às quais as aulas foram direcionadas, bem como por outros professores, já que eram disponibilizadas em grupos de estudantes e professores do *Facebook*.

O resultado das aulas em vídeo podia ser avaliado de maneira quase instantânea a cada vez que se disponibilizava um vídeo novo, permitindo a melhoria do planejamento e execução dos mesmos. Assim, se deu de fato uma pesquisa participativa, permitindo-se ser o avaliador da aprendizagem e do processo de ensino que participara. Isso entra em acordo com Brandão e Borges (2007, p. 54) quando sugerem que diante das diferentes formas de se fazer uma pesquisa participativa, dentre outras atitudes, “deve-se partir sempre da busca de unidade entre a teoria e a prática, e construir e reconstruir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas critica-mente”.

Pôde-se perceber os resultados da estratégia pedagógica a partir de três vias: aquela resultante do desempenho nas avaliações formais direcionadas aos alunos, gerando notas e conceitos pela extensão *Google Forms*, uma ferramenta do Google que permite a construção de formulários de questionários (Figura 3); uma segunda, a partir de comentários dos alunos pelo aplicativo *WhatsApp*, sendo disponibilizados os números de telefone pessoais dos professores ao alunos em grupos para facilitar a comunicação; e uma terceira, relacionada às colocações feitas por alunos de graduação e professores de Geografia em grupos do *Facebook*.

A efetividade do *Google Forms* é defendida por Silva *et al.* (2018, p. 6) de forma que apresenta vantagens como:

- a) Facilidade de acesso – formulários eletrônicos podem ser acessados a qualquer momento e em qualquer lugar, desde que o usuário tenha acesso com a internet.
- b) Baixo custo – considerando uma ferramenta freeware (gratuito), seu uso pode representar uma significativa economia.
- c) Usabilidade – a interface dos formulários é bastante intuitiva e bem semelhante aos aplicativos computacionais usados para operações básicas.

Terceiro Ano

Avaliação ao Terceiro Ano.

Seu e-mail será registrado quando você enviar este formulário.

Que elementos são indicadores do processo de Globalização?

- O avanço dos sistemas políticos democráticos.
- Os avanços nos meios de comunicação e transportes.
- Os eventos internacionais em prol do Meio Ambiente.
- A expansão do capitalismo.

Figura 3: Aplicação de questões pelo *Google Forms* aos alunos. Fonte: Arquivo Pessoal.

Quanto ao uso do *Whatsapp* para a comunicação com alunos, Souza *et al.* (2021, p. 8) afirmam que em suas experiências “os alunos passaram a agir com mais frequência e naturalidade, bem como desenvolveram as atividades propostas no grupo. Foi possível identificar que o engajamento da turma aumentou, o que foi mensurado pelas atividades desenvolvidas”. Tal experiência demonstra que essa comunicação coletiva gera mais que interação entre professor e aluno, permite de alguma forma, a reprodução das interações que ocorreriam presencialmente.

Enquanto proposta de pesquisa participativa, a utilização do *Facebook* como via avaliativa foi experimentada por Felcher *et al.* (2017), que apresentam a rede social como uma extensão da vida dos alunos. Na perspectiva do uso para avaliar a opinião de usuários quanto a conteúdos, Martinuzzo e Ribeiro (2015, p. 13) afirmam que “o regime de opinião em rede social digital não se esgota no ciberespaço, mas integra um regime de opinião mais amplo, em rede, dir-se-ia, dialogando com outros lugares de opinião”. Isso demonstra que essa rede social pode ser indicativa do impacto de qualquer conteúdo, nesse caso específico, tratado em uma rede limitada àqueles que são alunos ou profissionais de Geografia. A investigação e reflexão se deu focada no uso dos Atlas, e não, propriamente dito, nos conteúdos dos vídeos em si.

3 REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Google Forms* nos permite não só obter a resposta individual do aluno, como gera gráficos de “pizza” para entendermos o desempenho global da turma para cada questão. Seguindo o exemplo de pergunta exposta antes na Figura 3, resultante do vídeo “Viajando nos Atlas – Globalização”², foi possível perceber que 82,8% dos alunos conseguiram transpor seu raciocínio para a questão objetiva a partir da explicação dada no vídeo com o auxílio do atlas (Figura 4).



Figura 4: Gráfico do *Google Forms*. Fonte: Arquivo Pessoal.

Os comentários de alunos e professores que compõem nossa rede de relações pessoais em rede social, bem como de desconhecidos que participam de grupos sobre ensino de geografia no *Facebook*, foram bastante positivos para o melhoramento das técnicas utilizadas na produção dos vídeos, havendo inclusive, inúmeros elogios quanto à linha argumentativa das aulas.

Ficou evidente que, enquanto práxis pedagógica, o canal com a série de vídeos possibilitou, de certo modo, um reavivamento do uso do atlas, que estará registrado no *Youtube* para que outros profissionais possam se utilizar de tais ideias. Espera-se que novas práticas possam ser fomentadas, permitindo o uso em sala de aula, quando as atividades escolares voltarem a ser presenciais.

Em 15/10/2021 (acesso às 18:25 horas), o canal possuía 150 inscritos, sendo que muitos dos vídeos tiveram visualizações que extrapolam o número de alunos por turmas, o que pode demonstrar que seu alcance foi maior do que o público alvo inicial.

NOTAS

¹ Acesso ao canal “Bairro de Fátima News” no Youtube:
<<https://www.youtube.com/channel/UCHahhAunySe3Xn2cTCONYLQ>>.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wn404gj_PSA>.

TRAVELING IN THE ATLAS: FROM THE BOOK TO THE INTERNET IN REMOTE EDUCATION

ABSTRACT

School Atlas are educational materials that are traditionally included in public school libraries, however they are rarely used nowadays, either because they are outdated, in a poor state of conservation or because the emergence of geotechnologies. However, the lack of internet in schools means that both resources are not used. With the measures of social isolation imposed by the Covid 19 pandemic, one of the strategies adopted by schools was the embrace of remote learning, but the lack of home-study infrastructure by students in public schools in Rio de Janeiro led teachers to seek different teaching strategies. This article aim to report the experience of using School Atlas in short internet videos, whose audience were teachers and students, allowing cartographic literacy and the revaluation of the Atlas as teaching material.

Keywords: Geographic Atlas. Remote Teaching. Pedagogical Praxis.

REFERÊNCIAS

BONINI, André. **Ensino de Geografia:** utilização de recursos computacionais (Google Earth) no Ensino Médio. 185f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista , Rio Claro, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento de educação popular. **Revista Educação Popular**, v. 6, p. 51-62, 2007.

D'ARROCHELLA, Marcio Luiz Gonçalves; CORREA, Marco Aurélio da Conceição; SILVA, Erlan Raposo. Moradia e aprendizagem remota durante a pandemia de Covid-19 no Rio de Janeiro. **Revista Temas em Educação**, v. 30, n. 3, p. 1-20, 2021.

DIONÍZIO, Thais Petizero; PAIVA, Lucas Soares. Estratégias didáticas para o avanço dos processos de ensino e aprendizagem durante a Pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, 2021.

FELBEQUE, Rosilene. Atlas Escolares: uma análise das propostas teórico-metodológicas. **Boletim de Geografia**. IV Colóquio de Cartografia para Escolares, Ano 19, n. 2, p. 7-42, 2001.

FELCHER, Carla Denize Ott; FERREIRA, André Luís Andrejew; FOLMER, Wanderley. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. **Revista Experiências em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 7, 2017.

GIROTTO, Eduardo; PELEGRINA, Marcos. Utilização de infraestrutura de dados espaciais em sala de aula: o caso do I3Geo. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 19, n. 3, 2010.

GOMES, Nuno. **Potencial didático dos Sistemas de Informação Geográfica no Ensino de Geografia**. Aplicação ao terceiro ciclo do ensino básico. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Sistema de Informação Geográfica). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006.

GONÇALVES, Amanda; NOCENTINI ANDRÉ, Iara; AZEVEDO, Thiago; GAMA, Valquíria. Analisando o uso de imagens do “Google Earth” e de mapas no Ensino de Geografia. **Ar@cne**, Barcelona, n. 7, 2013.

HONDA, Janiane Divina dos Santos. **Políticas Curriculares e Atlas Escolares Municipais: contribuições para o estudo do Lugar**. 108f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e internet no Brasil. **Cadernos Adenauer**, XVI, n. 3, 2015.

MARTINUZZO, José Antonio; RIBEIRO, Renata Rezende. A opinião na rede: influência e dinâmica no Facebook. **Revista FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**, v. 2, n. 1, p. 120-144, 2015.

MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do Sul. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, p. 447-463, 2011.

NEUMANN, Sofia; SAUCEDO, Kellys Regina Rodio; STRIEDER, Dulce Maria. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e sua efetivação segundo professores do município de Santa Helena – PR. **Anais Eletrônicos do IX Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar**, n. 9, p. 4-8, 2015. ISBN 978-85-8084-996-7.

PAIVA, Jane; BEREBLUM, Andréa. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) – uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 173-188, 2009.

ROCHA, Iomana. A gambiarra e o alegórico no cinema contemporâneo brasileiro. **Arteriais**, v. 3, n. 4, 2017.

SILVA, Wildermarkes de Almeida; SANTOS, Simone Costa Andrade; CRUZ, Romildo Pereira; SANTOS, André Luís Silva. Google Forms como ferramenta para avaliação da aprendizagem. **Revista Tecnologias na Educação**; Ano 10, n/vol. 27, Edição Temática IX – III Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação, UFMA, 2018.

SORJ, Bernardo; LISSOVSKY, Mauricio. Internet nas escolas públicas: políticas além da política. **Edelstein Pesquisas Sociais**, n. 6, 2011.

SOUZA, Ivonte Pereira; ANDRADE, Alexandra Nascimento; SOUZA, Clisvânia Duarte; SOUZA, Dalmir Pacheco; GONÇALVES, Carolina Brandão. O whatsapp no processo de ensino-aprendizagem de alunos do ensino médio tecnológico – AM. **Brasilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 3762-3774, 2021.

TREVISAN, Ricardo. Atlas, uma aposta e o dispositivo-Atlas. **VIRUS**, São Carlos, n. 19, 2019.

TREVISAN, Ricardo. Pensar por Atlas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Tomo I- Modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 46-69.

Recebido em 06/12/2022.

Aceito em 08/05/2023.